



*O ava-canoeiro
prefere remar,
mas está cansado
de ser perseguido*



Ava tem mulher e dois filhos, que correm o risco de morrer debaixo das águas da hidrelétrica de serra da Mesa

A verdadeira história de Ava

Memélia Moreira

Especial para o JBr

Comer carne sem precisar matar o porco e se esconder, abrir uma torneira e ver a água escorrendo tornaram-se, na última semana, as grandes atrações da vida de Ava, o índio canoeiro que, desde o início de outubro, nu e sem flechas, cansado de fugir, entregou-se aos lavradores de Angical e virou curiosidade daquele povoado da região do Uruçuia, a pouco mais de 500 quilômetros de Brasília.

Hoje, 25 dias depois de circular entre brancos, Ava, um dos 30 sobreviventes da nação ava-canoeiro, pode contar sua história. Seu intérprete, um outro ava-canoeiro, já está em Brasília para saber exatamente quais as razões que levaram Ava a se desgarrar do grupo que perambulava entre o alto Tocantins e o Araguaia, sempre fugindo, há dois séculos, dos fazendeiros, garimpeiros e caçadores que se instalam nos municípios de Cavalcante e Formoso do Araguaia, em Goiás.

A partir de hoje, Ava pode ser o elo entre os sertanistas da Funai e seu próprio grupo que se recusa a qualquer aproximação com a sociedade nacional desde os massacres do século XVIII, quando o então governador da província de Goiás, Tristão da Cunha Menezes, designou o sargento José Luiz para comandar 800 homens com o objetivo de "atacar o gentio", segundo a crônica de Americano do Brasil.

Ava ainda não tem nome. Não fala português. Até agora, depois de uma semana em Brasília, conseguiu se comunicar precariamente com os kajabís do Parque do Xingu e os guajajaras, do Maranhão. Eles pertencem ao mesmo tronco linguístico de Ava, o tupi-guarani, mas, apesar disso, os canoeiros, sem qualquer contato com outros grupos do mesmo tronco linguístico, usam um dialeto próprio que dificulta a comunicação.

Mesmo assim, os kajabís e os guajajaras já trouxeram informações preciosas sobre Ava. Dentes ainda perfeitos, sorriso sempre alegre, esse índio de pouco mais de 30 anos tem uma mulher e dois filhos. Sua família, se não for contactada o mais rápido possível, corre um risco grande: morrer afogada.

Afogamento

O afogamento da família de Ava e da nação canoeiro está previsto para dois ou três anos, quando a hidrelétrica da serra da Mesa estiver concluída. Parte integrante do sistema de Furnas, a hidrelétrica inundará a área onde, presumivelmente, vivem os últimos remanescentes dos ava-canoeiros, que nos livros de História do Brasil são encontrados com o nome de carijós.

A usina está prevista há muito tempo mas, até agora, a Funai não sabe exatamente onde localizar esses índios. Eles perambulam, fogem, se escondem e reaparecem, sempre na região de Cavalcante, matando o gado das fazendas ou, quando a fome aperta, roubando farinha ou restos de comida deixados pelos peões que trabalham nas matas.

A única providência tomada até hoje para garantir uma área para os ava-canoeiros foi feita em 1985, pelo então presidente da Funai Néilson Marabuto. Em uma correspondência oficial, dirigida à Eletrobrás, Marabuto indaga se a empresa tinha qual-

quer plano para a área de perambulação dos ava-canoeiros. Não consta, nos arquivos da Funai, qualquer resposta da Eletrobrás.

E os ava-canoeiros podem não ser contactados até a inundação da área. Morrerão afogados. A inundação deixará, entretanto, teimosos sobreviventes. Seis índios que vivem na ilha do Bananal e que foram contactados em 1973.

Por enquanto, a atual administração da Funai, dirigida por Iris Pedro de Oliveira, não tomou qualquer providência para a expedição de contato. Ainda abalado pela morte de seu querido amigo, general Carneiro, dois dias depois de ser nomeado superintendente da Funai, Iris Oliveira ainda não acionou o esquema de proteção dos ava-canoeiros que consiste apenas numa "operação-resgate", para recuperar 18 ou 20 pessoas que não estão presas no gelo, como estiveram as baleias que emocionaram o mundo, mobilizando governos das potências mundiais, mas que podem desaparecer deixando poucos rastros e sem ao menos ter conhecido a história do dilúvio cristão e a arca de Noé.

Escravos teimosos

Os ava-canoeiros são, no mínimo, teimosos. Trazidos de São Paulo para Goiás pelos bandeirantes, feitos escravos para garimpar ouro, eles reagiram a todos os ataques e conseguiram se adaptar à nova realidade, que consiste em fugir. Sedentários, quando ainda eram chamados de "carijós", os ava-canoeiros se tornaram nômades. "Esse é um processo de deculturação", denuncia o antropólogo André Toral, um dos poucos a ter contato mais constante com os ava-canoeiros que vivem no Bananal.

A teimosia em sobreviver levou-os a abandonar a agricultura para se dedicarem à caça, a esquecer a feitura dos potes de cerâmica e, principalmente, a cultivar uma extraordinária capacidade de fuga que os torna quase inacessíveis às tentativas anteriores de contato, promovidas pelos ex-dirigentes da Funai.

Nem Bartholomeu Bueno, filho de Anhanguera (ou "diabo velho" para os índios que o conheceram), imaginava que seus escravos pudessem fugir tanto e sobreviver mais dois séculos longe das terras paulistas.

Os antepassados de Ava chegaram a Goiás no início dos anos 700, começo do século XVIII. E, de imediato, entraram em contato hostil com os xavantes e xerentes. No ano de 1724, eles se estabeleceram no norte de Goiás e, a partir daí, a hostilidade com os xavantes e xerentes passou para segundo plano. Os ava-canoeiros passaram a enfrentar a sociedade nacional. Começam os grandes conflitos e os massacres determinados pelos governadores da província de Goiás.

Em 1908, os ex-escravos carijós que chegaram a Goiás com os bandeirantes em número aproximado de 600 pessoas, estão dizimados. Restam apenas os grupos de Formoso do Araguaia e Cavalcante. A dizimação aconteceu em 1875, depois do massacre determinado pelo governador Tristão da Cunha Menezes, do qual restaram 300 índios. E hoje, podem ser menos de 20. Os cálculos feitos pelo antropólogo André Toral indicam um total de, no máximo, 18 pessoas.

Mesmo encurralados pelas tropas de extermínio, os ava-canoeiros enfrentaram a cavalaria e interrompe-



O sorriso se abre quando o branco lhe chama Ava

ram as comunicações entre as duas mais importantes cidades de Goiás do século XVIII: por alguns dias, Vila Boa de Goyaz (a antiga capital) e Porto Real (hoje Porto Nacional) ficaram incommunicáveis. Goiás viu, então, nascer o primeiro "forte apache" do Brasil. O forte do Paranatinga, na margem direita desse rio.

A construção do forte surtiu o efeito desejado. Os ava-canoeiros fugiram. E a História do Brasil, sempre pródiga em eufemismos, qualifica essa fuga como "expansão para o oeste". Era final do século e os ava-canoeiros, já divididos, são vistos, ora

no alto Tocantins, ora no Javaés, braço do Araguaia.

Racismo

Sem maloca para se abrigar, pele queimada pelo sol forte dos rios, os canoeiros passaram então a viver uma nova experiência com a sociedade nacional. Começaram a ser discriminados pela sua cor. Os governos, os cronistas da época, os historiadores que serviam aos governos não admitiam prestar assistência a esses índios porque os consideravam negros. E negro não tem fundação nacional nem expedição de contato para protegê-lo. Menos ainda direito a

interdição de terra para não sofrerem ataques.

A primeira manifestação de racismo contra os carijós aconteceu ainda no século XVIII. O cronista Americano do Brasil, ao descrever o comportamento desses fugitivos, diz: "Os canoeiros eram mestiços carijós com negros fugidos dos quilombos. Não são verdadeiros selvagens, mas um estranho amálgama; em que predomina o banditismo". A afirmação do ilustre cronista era suficiente para justificar os ataques que se seguem. Se não eram selvagens, não mereciam qualquer apoio ou cuidado.

A mesma manifestação racista se produziu já no final do século XX. Em 1969, o então presidente da Funai, Queiroz Campos, se recusa a manter uma expedição de contato porque os canoeiros "são negros de quilombos". E o sertanista Orlando Villas-Boas, na época ainda em atividade, alerta: os ava-canoeiros estão fugindo para a Bahia. Bastou o alerta para que o ex-ministro do Interior, coronel Costa Cavalcanti, determinasse à Funai "assistência total a esses índios".

Captura

A assistência determinada pelo ministro se traduziu em nova expedição de contato, dessa vez comandada pelo sertanista Apoena Meirelles. Era 1973 e os índios estavam em moda. Apoena parte para a expedição anunciando que usaria a tática de contato "surpresa". Ou seja, nada da tática do "namoro", que consiste em aproximação lenta, com troca de presentes.

E o famoso sertanista justificava sua opção, dizendo: "Esses índios conhecem os brancos mais do que suficientemente para desconfiar sempre de suas intenções. Se tentar empregar com eles uma tática de "namoro", nunca conseguirei me aproximar da tribo". Cumpridor de sua palavra, Apoena chegou ao acampamento dos ava-canoeiros gritando, gesticulando e soltando foguetes. Os índios, que estavam assando uma novilha recém-roubada e abatida, fugiram. Antes, entretanto, flecharam os xavantes que acompanhavam Apoena. Um desses xavantes, internado num hospital de Goiânia, foi proibido de conversar com a imprensa. Os índios contactados somavam 12 pessoas: quatro homens, cinco mulheres e três crianças. Dois meses depois desse contato ocorrido na Mata Azul, da ilha do Bananal, o sertanista abandonou os trabalhos.

Anos depois, já na década de 80, um ufanista relatório do chefe da Ajudância da Funai em Araguaia (GO), Antonio José de Jesus, pedia a reativação de frente de atração, dizendo: "A Funai sempre procurou fazer contato com esses índios, mas só em 1973 o sertanista Apoena Meirelles conseguiu capturar um reduzido número de ava-canoeiros".

Os capturados foram levados para a sede do posto Canoanã, no Bananal, e se transformaram em objeto de curiosidade dos posseiros, turistas e pescadores que frequentam o Araguaia. Cinco meses depois desse contato-surpresa, uma das mulheres, Tutchui, morreu de pneumonia.

Ava, o canoeiro que está em Brasília, desconhece todas essas histórias. Ele não conseguiu sequer dizer seu verdadeiro nome. Já foi radiografado. Passou a febre, está com os pulmões perfeitos e exibe um constante sorriso quando os brancos o chamam de Ava, que na sua língua quer dizer, simplesmente, homem, pessoa.